

OS ALUNOS SURDOS NO CONTEXTO EDUCACIONAL: UMA ETNOGRAFIA NA ESCOLA SOBRE A CULTURA E A COMUNICAÇÃO POR MEIO DA LÍNGUA DE SINAIS

Yamília de Paula Siqueira
Universidade Federal do Espírito Santo - UFES
yamilia.siqueira@hotmail.com

Eixo Temático: Do Direito à Educação: Políticas de Acesso, Permanência e
Qualidade Social.

Comunicação Oral

Resumo: A escola é um espaço de múltiplas personalidades e diferenças, dentre elas a cultura dos surdos, que estão presentes e legitimando cada vez mais o seu espaço na sociedade. A Língua Brasileira de Sinais (Libras), apenas no ano de 2002 por meio da Lei nº 10.436, foi reconhecida como meio de comunicação legítima das comunidades surdas do Brasil. Neste contexto, os surdos passaram por um longo processo de invisibilidade social, em que não tinham o direito de assumir sua identidade e sua cultura de forma legítima, sem repreensão ou preconceitos. O foco desta pesquisa é, além de reconhecer a cultura e a identidade surda no espaço escolar, relatar a importância da Língua de Sinais para a sociabilidade que se expressa por meio do corpo e a performance para a comunicação por meio dos sinais que estão presentes neste contexto, tendo como principal suporte metodológico o Diário de Campo, trazendo uma série de percepções e inquietações da vivência em campo durante um ano em uma escola da rede estadual de ensino do município de Vila Velha, acompanhando e observando cinco adolescentes e três intérpretes tradutores da Língua de Sinais. Como resultados da vivência na escola, identificamos a importância de um projeto intitulado “Incluir Libras”, que trouxe como foco a inclusão dos alunos surdos e de suas famílias, que encontraram no projeto um espaço de aprendizado da LIBRAS e de maior interação com a comunidade escolar. O projeto criado e organizado por um intérprete da escola trouxe um olhar diferenciado para os estudantes surdos, uma vez que os adeptos ao projeto buscaram aprender a língua de sinais para se comunicarem com os alunos surdos.

Palavras-Chave: Língua de Sinais. Escola. Cultura e Identidade.

Introdução

O espaço escolar é um ambiente favorável para investigação e pesquisa, a atividade docente, neste contexto implica inúmeros fatores que nos remetem à prática corporal. Dessa forma, as corporalidades dos alunos surdos, intérpretes e comunidade ouvinte que se relacionam na escola envolvem performances com

diferentes perspectivas de mundo, em que o mundo dos surdos escuta por meio da visão e fala por meios dos sinais, além de envolver uma cultura e identidade própria da comunidade surda.

Em relação à língua de sinais podemos identificar a diferença apresentada em cada sociedade, no caso dos sinais é possível notar a variação e as diferenças dentro do próprio país. Sobre a técnica, é importante reconhecer naturezas individuais, dado que códigos são (re)criados, e a todo momento é preciso estar ciente do que ocorre de novo. No caso da transmissão da linguagem oralizada, ela passa por um processo de ressignificação das palavras. É possível observar as técnicas e habilidades desenvolvidas, as quais relacionam o ser humano como “centro de percepções e agência em um campo de prática” (INGOLD, 2010, p. 7). Os alunos surdos juntamente com os intérpretes criam a todo o momento sinais para explicar com mais clareza alguns conteúdos e termos mais específicos.

A cultura da comunidade surda também está presente em um contexto de investigação; o pertencimento a uma cultura diferente remete a uma identidade expressa na linguagem de sinais. O corpo transmite os sinais com o simbolismo próprio da cultura surda, é o corpo também responsável por garantir a comunicação, de modo que uma reinvenção da cultura de um grupo específico se faz presente em nossa sociedade. O autor Roy Wagner (2010) retrata como o simbolismo está presente como forma de diferenciar as culturas. Dessa forma, o simbolismo da língua de sinais preserva o que é próprio da comunidade surda. Segundo a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, entende-se como Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (BRASIL, 2002).

Dessa forma, o interesse pelo estudo surgiu com o objetivo de compreender o universo dos alunos surdos e dos intérpretes na sala de aula e no cotidiano

escolar, dando ênfase no projeto Incluir libras, além de analisar as práticas corporais utilizadas para se comunicar por meio da língua de sinais. É válido ressaltar a relação dos alunos surdos com os alunos ouvintes, e o interesse de muitos em se comunicar por meio da língua de sinais.

A escolha do tema “A língua de sinais no espaço escolar: A cultura e a identidade da comunidade surda e o simbolismo dos sinais entre os alunos do ensino médio de uma escola no ano letivo de 2016” teve base em experiência e observação participante dos alunos surdos e dos intérpretes de Libras, durante um ano em uma Escola Pública Estadual de Ensino Fundamental e Médio de Vila Velha, que resultou na construção de um texto monográfico. O estudo tenta retratar um pouco da vivência com os alunos surdos distribuídos entre a 1^a, 2^a e 3^a séries do ensino médio do turno matutino nas aulas de Sociologia, na rotina escolar e na participação deles no Projeto intitulado *Incluir Libras*, realizado pelo intérprete da turma da terceira série.

Referencial teórico

Acerca da performance, inúmeras são as práticas corporais realizadas para se comunicar em Libras, tais práticas podemos comparar com o ato de encenar. Durante observações cotidianas na escola, percebemos que os intérpretes e os surdos atuavam o tempo todo, como se a comunicação entre eles fosse uma peça de teatro. Mesmo sem entender muito os assuntos que eles conversavam era possível perceber que o corpo todo era envolvido, mãos, expressões, braços e em alguns casos até mesmo as pernas.

A comparação ao ato de encenar está presente em Goffman (2002), que, ao assumir um papel de investigador das ações humanas interativas como a atuação em uma peça de teatro, viu os indivíduos exercerem os mais diversos papéis sociais, adquirindo um determinado papel para cada momento. A língua de sinais assume um caráter expressivo único presente na cultura surda, em que podemos sugerir que “as representações diferem, evidentemente, no grau de

cuidado expressivo dos detalhes que exigem. No caso de algumas culturas estranhas a nós, estamos dispostos a ver um alto grau de coerência expressiva [...]” (GOFFMAN,2002, p.55). Os surdos apresentam coerência em suas expressões, afinal as expressões fazem parte de sua comunicação. Seria inviável uma pessoa ouvinte conversar com um surdo em Libras sem utilizar expressões para descrever suas emoções ou algo que esteja no contexto da conversa.

Diante da cultura surda expressivamente presente na comunicação em Libras, podemos pensar na identidade que eles apresentam e que se faz presente em toda a performance, ou no ato de encenar. Goffman (2002) apresenta a relação do estigma com a identidade da pessoa, o que faz pensar também no estigma que os surdos sofreram durante muitos anos da história.

Durante muito tempo, os surdos sofreram com o fato de serem tratados como “surdos-mudos” e com formas violentas para que eles fossem oralizados, afinal, eles não poderiam realizar nenhum tipo de sinal para se comunicar. Na Idade Média, a surdez era ligada ao pecado, ao castigo e à punição; ao longo dos anos, poucas escolas começaram a desenvolver a gesticulação e a oralização (LACERDA, 2016, s/p). A gesticulação não foi aceita, a princípio, e os surdos eram obrigados a aprender a oralização. No Brasil, técnicas para ensinar a oralização eram utilizadas de forma a amedrontar o surdo, ou até mesmo para punir, amarravam as mãos dos surdos para que eles não usassem os sinais para se comunicarem. Porém, no período “de 1970 a 1992, os surdos se fortaleceram e reivindicaram os seus direitos. Desde aquela época, as escolas tradicionais existentes no método oral de filosofia e, até hoje, boa parte delas vem adotando o modelo inclusivo em que a língua de sinais se constitui [como] elemento primordial para o atendimento educacional dos alunos surdos” (ALMEIDA, 2013, p.29).

Porém, ainda hoje alguns familiares de surdos não aceitam a surdez de uma criança, buscam ou utilizam apenas a oralização, e, em segundo plano, fica a língua de sinais, o que pode dificultar o aprendizado posterior da LIBRAS.

Sobre o termo cultura surda, em vários momentos da vivência, notamos que os intérpretes utilizam muito essa expressão, segundo eles se refere ao modo de vida dos surdos. Porém para alguns estudiosos a “cultura surda pode ser considerada como um termo aplicado ao movimento social que assegura a surdez como uma experiência humana diferenciada a partir de uma concepção de estudos culturais” (GEDIEL, 2010, p.132), a autora buscou embasamento teórico em autores surdos que se dedicaram a analisar de fato o que seria a cultura surda. Em definição segundo Padden & Humphries (2005, p. 1 *apud* Geidel, 2010, p. 133):

[...] nós usamos a definição de cultura focada nas crenças e práticas, particularmente na regra central da língua no cotidiano da comunidade. Esta característica distinguiu as pessoas Surdas das pessoas ouvintes e das outras pessoas surdas e pessoas com dificuldade de audição que não usam Língua de Sinais, mas seguem diferentes adaptações comunicativas¹.

Dessa forma, é válido considerar que inúmeras identidades e culturas compõem o espaço escolar, assim como a identidade e a cultura da comunidade surda que também estão presentes neste espaço, porém, como poucas pessoas conhecem e utilizam a língua de sinais para falar com os surdos, não ocorre a legitimação da cultura surda em diversos espaços. Além de apontar as questões sobre identidade e cultura, a transmissão do saber também é possível neste contexto ao pensarmos na relação entre intérpretes e surdos, uma vez que a prática dos intérpretes não ocorre apenas para interpretar as palavras, mas também com o papel importante de ensinar o conteúdo, recriando-o. Para lidar com essa questão do aprendizado, o autor Tim Ingold relata que “o processo de aprendizagem é transmitido mais corretamente pela noção de *mostrar*. Mostrar

¹ PADDEN & HUMPHRIES. **Inside Deaf Culture**. Cambridge, Massachuettes: Harvard University Press, 2006.

alguma coisa a alguém é fazer esta coisa se tornar presente para esta pessoa, de modo que ela possa apreendê-la diretamente, seja olhando, ouvindo ou sentindo”. (INGOLD, 2010, p.21).

Em relação aos intérpretes, a faculdade da repetição fornece a capacidade de memorizar os sinais, eles criavam técnicas e parcerias com os alunos surdos para se comunicarem. Nas aulas de Sociologia percebemos a parceria entre o surdo e o intérprete, eles elaboravam métodos para trocar o aprendizado, principalmente com os conceitos sociológicos. Quando o conteúdo não fazia parte do cotidiano do surdo, tornava-se mais difícil para interpretar o conteúdo ministrado pela professora. Dessa forma, o surdo, juntamente com o intérprete, criava o sinal para determinado termo, determinada palavra. Sobre os conceitos de maior dificuldade a serem interpretados, é importante buscar no autor Tim Ingold a explicação de que o conhecimento depende, principalmente, do aprofundamento do indivíduo na busca de conhecimento dos acontecimentos do mundo. As habilidades do indivíduo fornecerão suporte para que ele adquira as informações. Dessa forma o autor relata sobre a educação da atenção que ela será fundamental para o desenvolvimento cognitivo do ser (INGOLD, 2010, p.19). O processo cognitivo dará suporte para os comandos verbais serem transformados em sinais, tais sinais serão introjetados para a mente dos alunos surdos, que poderão compreender tanto as falas cotidianas quanto assimilar conceitos mais abstratos.

Em relação à dimensão cultural, Roy Wagner utiliza os termos invenção e inovação e relata “que são frequentemente utilizados para distinguir atos ou ideias originais, ou coisas criadas pela primeira vez, de ações, pensamentos e arranjos que se tornaram estabelecidos ou habituais” (WAGNER, 2010, p.77). Portanto, o ato de criar os sinais pelos surdos e intérpretes confirma essa ideia de inventar e inovar, uma vez que o aluno surdo, assim como o aluno ouvinte tem que estudar entre 12 a 13 disciplinas durante o ano, a cada dia um conteúdo diferente, o que para o surdo torna mais difícil assimilar os conceitos; assim, eles criavam sinais e inovavam constantemente para lidar com os conteúdos

ministrados pelos professores, porém, os sinais criados por eles em determinada disciplina só podia ser usado por eles mesmos, pois para um sinal ser criado oficialmente e ser compartilhado é preciso que ocorra um estudo entre vários surdos e pesquisadores.

A cultura surda utiliza elementos simbólicos e representações para a comunicação, sendo que a língua de sinais está inserida em um contexto escolar que não contempla integralmente a inclusão. A cultura surda ficava escondida nas rodinhas de conversa dos próprios surdos e intérpretes que compunham o ambiente. Entretanto, Roy Wagner (2010), ao relatar sobre inúmeros contextos simbólicos, expressa como a criação de novos contextos pode se dar à medida que o elemento simbólico variará conforme os símbolos sejam colocados em uso pelas pessoas. E assim a língua de sinais se expandia na escola, alunos ouvintes iniciavam o processo de aprendizado da Libras e começavam a se comunicar com os surdos. Ou seja, novos usos eram criados, e as rodinhas começavam a se expandir nos corredores da escola.

O contexto simbólico dos surdos na sala de aula e na escola era limitado pelo fato de não se poder utilizar a audição, ficando a visão encarregada por contemplar o ato de ver e ouvir. E a comunicação segundo Wagner “só é possível mediante o compartilhamento de associações derivadas de certos contextos convencionais por aqueles que desejam se comunicar” (WAGNER, 2010, p.80). Portanto, o contexto dos surdos e o ato de se comunicar é mais facilitado, principalmente, em espaços que utilizam a Libras, sendo em casa com os familiares que sabem falar por meio da Língua de Sinais, nas escolas, nos Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) ou em outros locais específicos em que mais surdos ou ouvintes que saibam a Libras estejam presentes. E no caso dos ouvintes que não sabiam falar em Libras o que era comum era utilizar a oralização e os gestos para se comunicarem.

Porém, os alunos surdos nem sempre estão inseridos em espaços que contemplam a Libras, e eles acabam lidando com recursos limitados, em que é

necessário adquirir mais habilidades, mas eles não deixam de sentir o mundo todo com os seus corpos, a diferença é que essas pessoas lidarão com os recursos disponíveis a elas, assim como outras pessoas que tenham alguma deficiência (refiro-me aqui especialmente às deficiências físicas) (INGOLD, 2008, p. 26). O ‘som da visão’² para os alunos surdos pode aparecer com uma imaginação do que seria o som, guiados pela visão.

Metodologia

A metodologia utilizada teve como base na experiência e observação participante dos alunos surdos e dos intérpretes de Libras, durante um ano em uma Escola Pública Estadual de Ensino Fundamental e Médio de Vila Velha, que resultou na construção de um texto monográfico. O estudo tenta retratar um pouco da vivência com os alunos surdos distribuídos entre a 1^a, 2^a e 3^a séries do ensino médio do turno matutino nas aulas de Sociologia, na rotina escolar e na participação deles no Projeto intitulado *Incluir Libras*, realizado pelo intérprete da turma da terceira série.

A partir da inserção no espaço escolar por meio do estágio de docência, houve a convivência com os alunos surdos e com os intérpretes que os acompanhavam nessa escola, cujo nome permanecerá oculto, de modo a preservar as identidades dos interlocutores de campo. O método da observação participante, articulada com coleta de dados qualitativos através de entrevistas semiestruturadas para entrevistar os alunos e intérpretes da comunidade escolar deu base para a pesquisa, além de levantamento bibliográfico por meio de coletâneas, artigos e teses defendidas acerca da temática proposta, oferecendo maior possibilidade de compreensão e estudo.

Em relação à abordagem etnográfica, é importante ressaltar a descrição realizada por Malinowski em que ele deixa claro que a primeira meta do trabalho de campo etnográfico “é fornecer um esquema claro e firme da constituição

² Termo utilizado pelo autor Jáme (1990, pp. 11-12, *apud* Ingold, 2008).

social, bem como destacar as leis e normas de todos os fenômenos culturais, libertando-os dos aspectos irrelevantes”. (MALINOWSKI, 1973, p. 24). Dessa forma, é que se pretendeu analisar a cultura dos surdos, assim como identificar a identidade desses alunos na escola. Acompanhar a dinâmica escolar e a dinâmica da sala de aula forneceu a possibilidade de investigar diversos aspectos das condições dos alunos surdos. Assim como os alunos ditos “normais”, eles deviam cumprir códigos e regras, como por exemplo, aprender a língua portuguesa, que não é a língua dos surdos. Com a etnografia realizada na escola, foi possível reunir uma série de percepções, relatos e situações significativas, através do diário de campo, onde “a prática etnográfica [se deu] no contexto de estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogia, mapear campos, manter um diário, e assim por diante” (GEERTZ, 2008, p.11), visando contextualizar os universos de sentido ali presentes. Em relação aos alunos surdos e intérpretes, a observação precisou ser feita com muito rigor, pois o universo em que estão inseridos requer, além da aproximação e do diálogo, uma série de cuidados para que, principalmente, o aluno surdo se abra para a pesquisadora.

Desenvolvimento

O início do contato na escola foi no dia 15 de fevereiro de 2016 por meio do estágio na disciplina de Sociologia, participado efetivamente em todas as turmas do ensino médio que eram ministradas as aulas de Sociologia. O primeiro contato com os estudantes surdos foi ao decorrer das aulas, o primeiro aluno foi o Paulo na turma 2M1, logo após na turma 3M1 onde havia dois estudantes surdos, Pedro e Brenda e por fim na turma 1M1 com a aluna Maria.

Neste primeiro contato na escola e na sala de aula, percebemos quantas limitações existem no ambiente escolar, principalmente, em relação à inclusão de alunos com necessidades especiais. Nesta mesma semana durante uma reunião na sala dos professores foi comunicado que aluna Maria além de ser surda, tinha dificuldades motoras e precisava de atendimentos especiais em relação aos conteúdos e atividades, pois a aluna teria Deficiência Intelectual (DI),

a informação foi passada para a escola pela mãe da aluna que, durante algumas semanas, iria todos os dias levar a filha na escola e conversar com o diretor da escola para saber sobre a contratação do intérprete para sua filha.

Durante as aulas de algumas disciplinas no Ensino Médio, o intérprete do terceiro e o do primeiro ano ensinam a Libras para todos os alunos da turma, que segundo eles demonstravam muito interesse, o que também envolveu os alunos surdos, pois eles ensinavam os próprios colegas e se tornavam protagonistas da técnica. O intérprete Leandro do primeiro ano intitulou o projeto realizado na sala de aula que ocorria todas as sextas-feiras nas aulas de matemática de “Mãos falantes”. Segundo ele, os alunos tinham muito interesse, até mesmo os alunos que eram considerados ‘os mais bagunceiros’ ou os ‘menos interessados pelo estudo’.

Já no terceiro ano, muitas atividades também eram realizadas durante as aulas de alguns professores que dispunham de tempo para que alunos ouvintes aprendessem Libras. No ano de 2015, o intérprete Valdecir (do terceiro ano), relatou sobre o Projeto Incluir Libras que foi realizado em uma escola do município de Vila Velha e que iria dar continuidade no ano de 2016.

Durante todo o primeiro e o segundo trimestres de 2016 compreendemos melhor o universo dos surdos no ambiente escolar, mesmo com total apoio da parte pedagógica e de muitos professores, ainda assim a cultura surda acabava ficando isolada em um universo que só eles viviam, a abertura maior acontecia com os mais curiosos que buscavam conhecer a língua de sinais.

Já no início do terceiro trimestre ocorreu na escola a comemoração do dia do Surdo, no dia 26 de setembro foi realizada com várias apresentações envolvendo toda a escola e, principalmente, os alunos surdos. A data é comemorada porque:

[...] A Comunidade Surda Brasileira comemora o Dia Nacional do Surdo, data em que são relembradas as lutas históricas por melhores condições de vida, trabalho, educação, saúde, dignidade e cidadania. A Federação Mundial dos Surdos já

celebra o Dia do Surdo internacionalmente a cada 30 de setembro. No Brasil, o dia 26 de setembro é celebrado devido ao fato desta data lembrar a inauguração da primeira escola para Surdos no país em 1857, com o nome de Instituto Nacional de Surdos Mudos do Rio de Janeiro, atual INES- Instituto Nacional de Educação de Surdos.³

Inicialmente a programação do evento contou com um breve histórico e uma contextualização do dia do surdo realizado por um dos intérpretes. Logo após, foram realizadas duas apresentações de músicas “Raridade” (Figura 01) e “Tempo de Alegria”.



Figura 01 – Interpretação da música Raridade.
Fonte: própria pesquisadora, em 26/09/2016.

Toda a escola foi envolvida neste dia de comemoração, incluindo funcionários e pais dos alunos surdos. A maior parte das apresentações foi realizada por alunos ouvintes, e, durante a semana que antecedeu o dia 26, todos estavam envolvidos em ensaios e preparação de cartazes, painéis e lembranças.

Ainda no terceiro trimestre, foi desenvolvido na escola aos sábados 10 encontros do projeto Incluir Libras, para cada encontro era trabalhado uma temática diferente no projeto. Destaco o primeiro encontro em que foi destinado a apresentar os integrantes do projeto e foi ensinado pela aluna Brenda (surda) o

³ SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. **Surdez - Campanhas**. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=701>. Acesso em: 02 de abril. 2017.

alfabeto em LIBRAS, nos demais encontros foram ensinados cumprimentos, frutas, animais, números e outros elementos básicos da Língua de Sinais.

O projeto teve como foco em seus encontros, não somente ministrar aulas e conteúdos, mas também dar visibilidade aos alunos surdos da comunidade escolar e aos seus familiares. Para uma das aulas foi criado um jogo (FIGURA 02) pela professora de arte da escola que se sensibilizou com o projeto.



Figura 02 - Jogo de Libras. **Fonte:** própria pesquisadora, em 03/11/2016.

O jogo tinha por objetivo estimular os alunos a lembrarem os sinais das palavras utilizadas dentro da escola para alcançarem o final da partida. Para iniciar, duas equipes foram montadas, uma pessoa de cada equipe iria caminhar por todo o trajeto do tabuleiro e jogar o dado que iria definir o número de casas para a pessoa andar, as outras duas pessoas de cada equipe ficariam responsáveis por ajudar o principal jogador quando fosse necessário, poderia dar dicas ou até mesmo sinalizar a palavra. E sempre havia o jogador curinga, que sinalizaria a palavra quando ninguém mais soubesse, esse jogador era um aluno surdo da escola.

Ao final do projeto, foi realizada uma comemoração para que todos pudessem compartilhar e interagir com os surdos da escola e da comunidade. Em relação a integração dos alunos surdos com os ouvintes, durante a vivência no cotidiano escolar e durante o projeto, percebi que no projeto os alunos surdos tinham maior

convivência com os ouvintes, pois de fato os ouvintes estavam interessados pela comunicação em Libras, ou seja, as relações aconteciam com maior fluidez, as aproximações aconteciam de forma espontânea, pois aquele era um espaço destinado não somente para o aprendizado, mas também para a aproximação de pessoas que buscavam o mesmo objetivo: a comunicação.

Conclusão

A escola é um espaço de inúmeras diferenças, a inserção em campo foi fundamental para que importantes fatores fossem observados, tendo em vista o contexto de diversidades que o ambiente escolar apresenta. No caso dos surdos, viver em um mundo oralizado, em que sua cultura é vivenciada apenas pelos próprios surdos, é algo inquietante. O contato direto e intenso em campo nos fez perceber inúmeras relações que acabam passando despercebidas no cotidiano escolar, entre elas a invisibilidade do aluno surdo e do intérprete.

A dimensão cultural, além de fazer parte da identidade dos alunos surdos, está relacionada ao sentido, ou seja, ao significado atribuído pelos próprios surdos, sendo “capaz de comunicar suas experiências dessa cultura àqueles que compartilham os significados e convenções do seu próprio modo de vida” (WAGNER, 2010, p. 76), pensando na investigação por meio da vivência diária na escola, compreendemos melhor o processo cultural ao qual a língua de sinais está inserida na vida dos alunos surdos.

A cultura dos surdos, portanto, por um longo período histórico não foi reconhecida nem sequer valorizada. A comunicação era difícil, e estabelecemos uma analogia com o antropólogo Roy Wagner, que diz que “a comunicação e a expressão só são possíveis na medida em que as partes envolvidas compartilham e compreendem esses contextos e suas articulações. Se as associações contextuais de um elemento simbólico são compartilhadas, a significância de sua extensão ou “empréstimo” para uso em outros contextos também será compartilhada” (WAGNER, 2010, p. 79). No caso da comunicação por meio da língua de sinais, não é diferente, a comunicação depende da

compreensão do contexto e das articulações por meio dos sinais. E, ainda, nutrindo-nos desse autor, podemos dizer que a cultura surda é uma cultura diferenciante, mas que, aos poucos, muito aos poucos, infelizmente, tem sido mais convencionalizada, no sentido de ser mais coletivizada através das políticas públicas.

Essa invisibilidade dos surdos por muitos anos estava carregada de um estigma, em que os gestos/sinais não eram legitimados, a deficiência recebia uma carga negativa. Portanto, ao vermos um indivíduo “diferente” do padrão social fixado (idealizado) em nossas mentes, estamos contribuindo para o estigma que esse indivíduo carrega. No caso dos surdos, o estigma em torno da língua de sinais aos poucos está sendo quebrado. Ações estão sendo realizadas, porém de forma isolada. O Projeto Incluir Libras foi um exemplo, os alunos surdos da escola estadual, no ano de 2016, ganharam visibilidade, assim como suas famílias que participaram do projeto. Muitos familiares, assim como professores e alunos ouvintes, buscaram no projeto o aprendizado da Libras para poder se comunicar com os alunos surdos. A escola além de ser um espaço de aprendizado, também é um espaço de reconhecimento e valorização das diferenças, a todo momento novas culturas são reinventadas e novas diferenças surgem. Reconhece-las é fundamental para a valorização do ser humano. Acreditamos que a comunicação por meio da Libras dá sentido a uma cultura que pertence a um grupo que quer e luta por legitimação e direito de ter voz por meio dos sinais e de todas as suas formas de expressão.

Referências:

BRASIL. Presidência da República – Casa Civil Subchefia para assuntos Jurídicos. **Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002 - Regulamento**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm . Acesso em 01 de mai. 2016.

BRASIL. Presidência da República – Casa Civil Subchefia para assuntos Jurídicos. Lei nº 10.436. **Decreto Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2015**.

Disponível: em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em 01 de mai. 2016.

FERNANDES, Sueli de Fátima & STROBEL, Karin Lilian. **Aspectos linguísticos da LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais**. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

GEDIEL, Ana Luisa. **Falar com as mãos e ouvir com os olhos? A corporificação dos sinais e os significados dos corpos para os surdos de Porto Alegre**. Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/78198/000896335.pdf?sequence=1>. Acesso em: 28 de jun. 2017.

GESSER, Audrei. **Libras que Língua é essa?: Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola, 2009.

GEERTZ, C. **A interpretação das Culturas**. Cap. 1 - A descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. Rido de Janeiro: Editora SA, 2008.

GOFFMAN, E. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis. Editora Vozes. 10º ed. 2002.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Trad. Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: LTC, 1975.

INGOLD, Timothy. **Da transmissão de representações à educação da atenção**. Educação, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, jan. /abr. 2010.

INGOLD, Timothy. **Pare, Olhe, Escute! Visão, Audição e Movimento Humano**. Ponto Urbe, Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP (2008). Disponível em: <http://pontourbe.revues.org/1925>. Acesso em: 12 de jun., 2016.

LACERDA, Cristina B. F. **Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos**. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621998000300007&lng=en&nrm=iso&tIng=pt. Acesso em: 29 de maio. 2016.

MALINOWSKI, Bronilaw. **Os argonautas do pacífico Ocidental**. Abril: São Paulo, 1973.

MARIA I. B. de SOUZA MENDES ET AL. **Reflexões sobre corpo, saúde e doença em Merleau-Ponty: implicações para práticas inclusivas**. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/42958>. Acesso em: 07 de junho. 2017.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo, Cosac Naif, 2003.
Cap.: Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a de “eu”, p. 369-398; As técnicas do corpo, 401-424.

WAGNER, Roy. **A Invenção da Cultura**. São Paulo: 2010. Tradução Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales.